



Sir Ernest Shackleton

A ENTREVISTA

DA SEMANA

A "Ilustração Portuguesa" entrevista Sir Ernest Shackleton, o audacioso explorador

A visita desta semana é, pelo menos, inédita. Digam o que disserem ninguém se aventurou a visitar, como nós, arriscando um tempo muito problematicamente ganho, o barco heroico em que Mr. Shackleton vae tentar pela 5.ª vez aproximar-se da região polar.

E' que se o leitor soubesse a série de obstáculos que é preciso vencer para atingir o barco inglês, não hesitaria em concluir que nesta propria entrevista ha já o quer que seja de audaciosamente expedicionario, de va:amente heroico como a mesma heroica «Antartic-Expedition»...

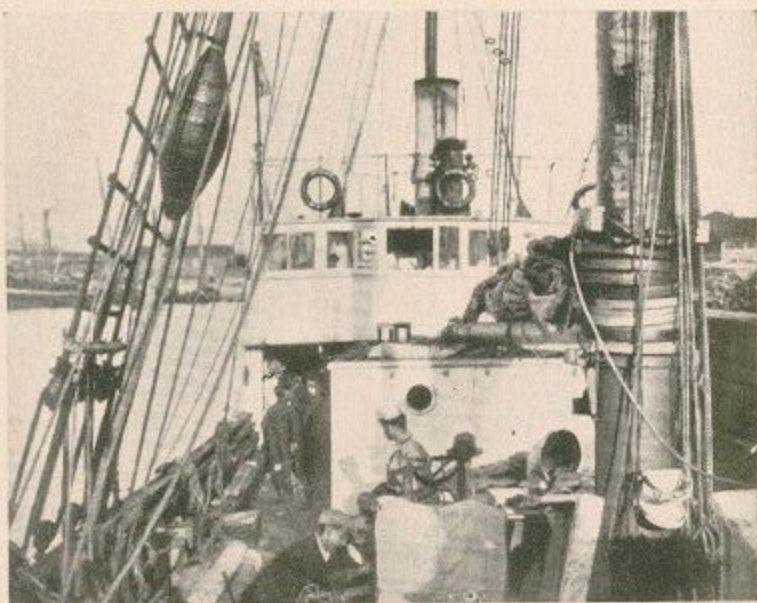
O «Quest» entrou no porto de Lisboa como certas mulheres que vão a Paris retocar-se. Tinha as rugas do convéz escancaradas—veio maquilha-las a estopa e alcatrão: uma questão de «toilette», puramente. O «Quest» é um barco pequeno, de 125 toneladas e 21 homens.

Nada o tornaria notavel se não adejasse sobre ele a aza dum sonho nebuloso e vago de conquista, a ancia eterna e humana do «mais além»...

O «Quest» tem tudo dentro, tudo quanto é preciso para fazer uma viagem grande, muito grande, para fazer até a viagem eterna... O «Quest» tem, além de tudo, um capitão qu: é

uma psico'ogia curiosa e estranha: Mr. Shackleton.

Quando pedi a Mr. Shackleton que posasse para a «Ilustração», o velho oficial inglês, correcto e indiferente, acedeu, sem que o me-



A bordo do «Quest»

(«Clithés» Garcez)

nor lampejo de vaidade, de alegria ou de interesse lhe passasse no olhar — «In the other side», disse apenas, voltando-nos afim de que os «mirones» o não vissem. Mr. Shackleton é um homem sereno que profissionalizou a morte—é essa a sua carreira. Evidentemente

não póde ter as vaidades dos outros homens. Que lhe importa que o publico o conheça, quando bloqueado o «Quest» nas nevoas geladas do Polo, serenamente, fleugmaticamente, Mr. Shackleton fechar a sua ultima pagina de memorias com o ponto final duma «Browning»?

Por isso Mr. Shackleton não compôs a gravata, não sorriu á objectiva, quasi não agradeceu ao fotografo...

—Ah! a ancia de chegar, de ir mais além, de ultrapassar o desconhecido...

A sensação de ir vendo, sucessivamente, as marcações das outras viagens e chegar até onde ninguém chegou e ir mais além, mais além ainda e lançar a ultima marcação, o ultimo sinal de vida, — que fique em pleno campo, deserto, abandonado, heroico, como um sinete, como um carimbo de gloria ou de morte...



Sir Dee Mason, medico da expedição e operador cinematografico com a «Mascott» de bordo

Mas eu tinha de entrevistar Mr. Shackleton... Mas Mr. Shackleton não tinha dito nada... Mr. Shackleton sorria apenas... Eu interroguei, perguntei ao acaso qualquer coisa, o que me veio á boca:

—Mas, diga-me!... Tem a certeza de chegar ao Polo?

Mr. Shackleton voltou-se um pouco para mim.

O seu perfil fino e energico desenhava-se agora no céu sereno da doca de Alcantara:

—Sim, vou para o Polo! disse com uma luz nova no olhar, e falou, falou então, como se só do Polo soubesse falar.

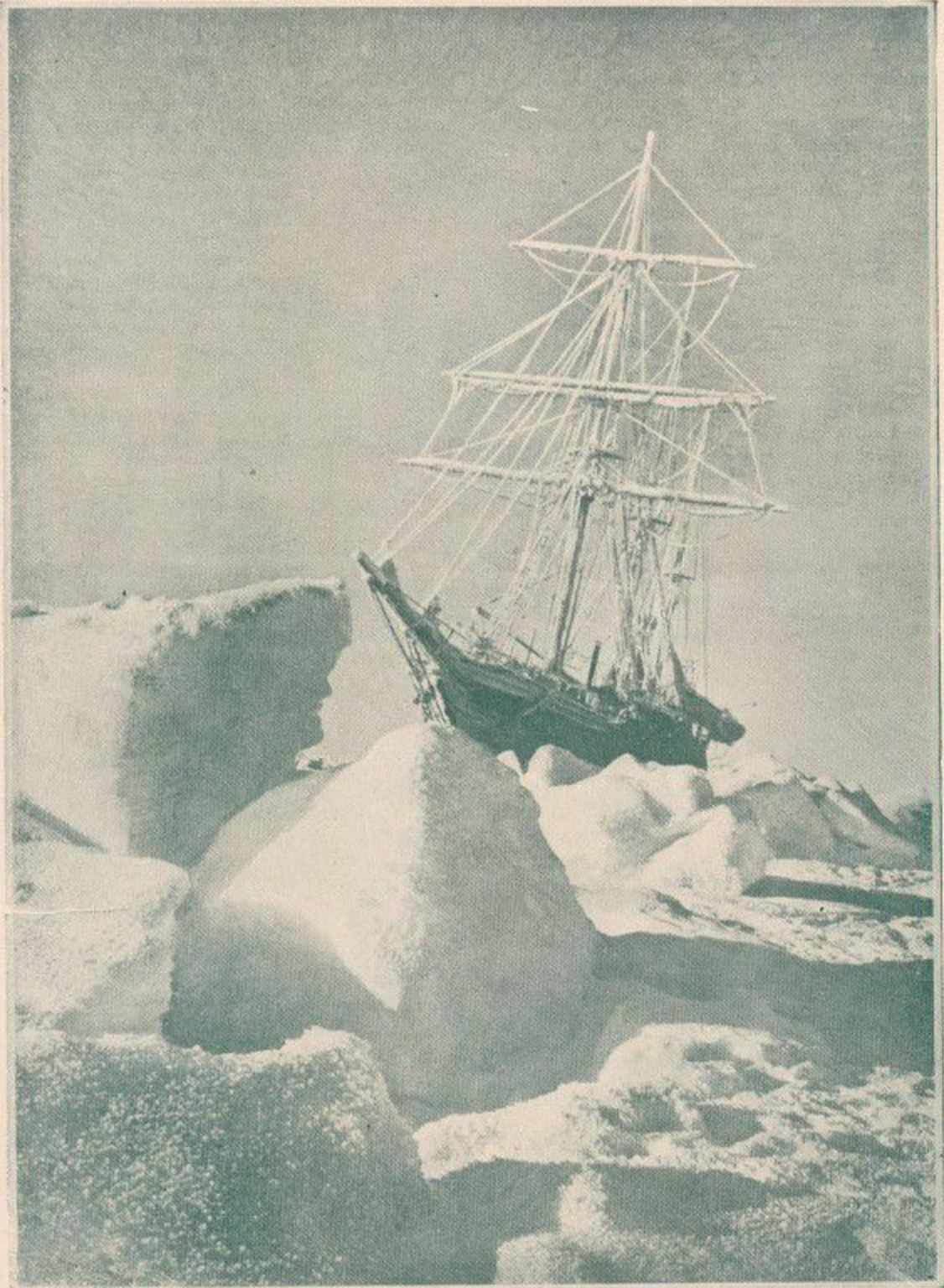
O «official kinematographer» é Mr. Bee Mason, uma outra psicologia diferente...

Para o vermos, tivemos de bater á camara escura. Abriu-se a porta e Mr. Mason surgiu sorridente, escanhado, oculos de aro de ouro, unhas polidas.

—Então já viu a cidade?

—Não. Saí de Inglaterra para o Polo. Só saio... no Polo...

Vae assim toda a viagem, na camara escura, prescrutando o mar pela vigia ou fazendo experiencias de «film». A camara é um cubiculo negro, milhares de frascos, de drogas, de tintas e no meio de tudo sorridente, iluminada, gentil, a mancha duma foto: uma «miss» inglesa, um fio de dentes claros e olhos de cinza.

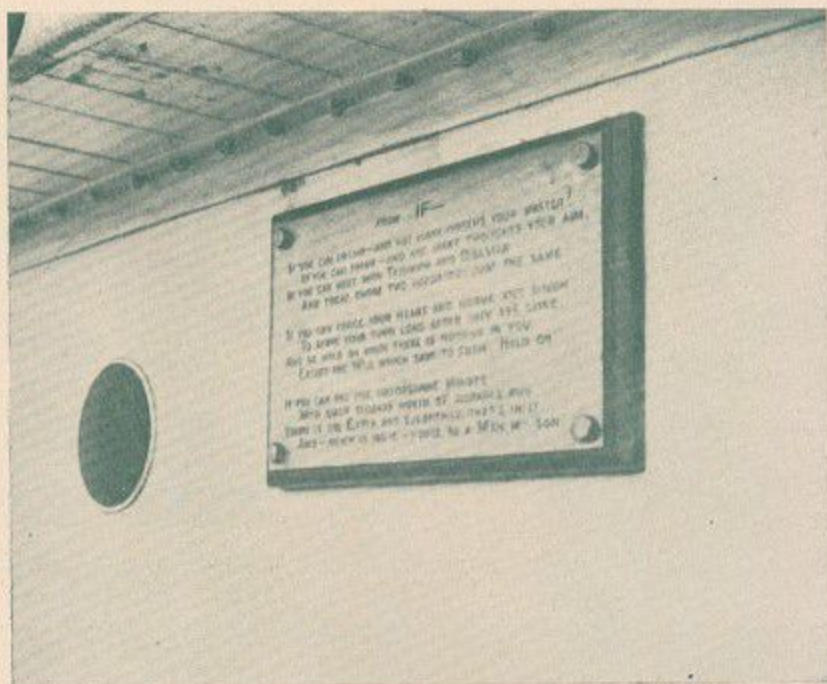


O barco que serviu a Shackleton para a expedição de 1914, retido entre os gelos

Mr. Mason compôs o colarinho, verificou ao espelho a simetria do nó e posou, com a «Mascott»—um gatinho pre-o. Misturado com

se mostra de vez em quando, como um lampejo imprevisito e paradoxal.

Na camara do comandante, surgindo de



A legenda duma aventura

as necessidades brutais de quem vae lutar sem treguas com o mundo desconhecido, por todo o «Quest»—pratico e sobrio—ha aqui e ali notas daquele lirismo subtil e inglês, que

montes de roupa por entre regadores vazios, escovas de fato, meias velhas, frascos vazios, e latas de conserva—lobriguei, calma e nobre, a Rainha da Grã-Bretanha e imperatriz de todas as Indias.

No proprio convez, entre a porcaria do carvão, as goteiras da chuva e as nodoas da humidade, destacava-se uma placa de mar-more onde estes versos sentidos e admiraveis de Dell, embalavam como uma reza aquele «dream» vago e acariciador que anima nas tardes de calmaria como nas noites de tempestade os homens doirados e robustos do «Quest»:

If you can dream-and not make: dream your master
If you can thinch-and not make: thoughts your aim,
If you can meet with triumph and disaster
And treat those two impostors just the same

If you can force your heart and nerve and sinen
To serve your turn long after they are cone
And so hold on when there is nothing in your
Except the will which rays to them: «Hold on»

If you can fill the inforgiving minute
With sixty second worth of destancer run
Yours is the earth and everything that in it
And—which is more. You it be a man, my son!



Interior da cabine de instrumentos giroscopicos, que os jornais e magazines Ingleses não puderam fotografar, orgulhando-se a «Ilustração Portuguesa» de dar esta fotografia pela primeira vez



Um tripulante do «Quest»

É essa raça heroica e simples dum liri-mo brutal e doloroso, a um tempo humano e divino—que se afunda no «Titanic» em pleno mar, cantando serenamente para o Céu, as mãos erguidas, a alma em prece, o «God Save the Queen»... Our Gracious Queen»...

A raça do sacrificio sublime e tragico do Lord Mayor de Cork—a agonia dos 40 dias—a raça deste sereno e admiravel mr. Shackleton, que não tem vaidades do Mundo, que não sorri para a objectiva, que não endireita a gravata, que não quer ser conhecido...

A' saída, um «boy-scout» inglês, uma madeixa loura sobre a testa, os olhos verdes, o nariz aquilino, encostado ao parapeito do convés, a cara enterrada sob os braços prescrutava a linha esfumada do horisonte...

Era o companheiro mais novo de Shackleton: 18 anos.

Pareceu-me triste... Perguntei-lhe, num heroico esforço inglês:

—Porque arrisca v. a vida numa viagem destas?

O rapaz respondeu, muito calmo, quasi sem olhar para mim, e como se tivesse ha muito, preparada para si mesmo, esta resposta:

—O que seria a minha gloria em Inglaterra ao pé da gloria da Inglaterra se eu chegasse ao Polo?...

Nada mais tinha a fazer a bordo do «Quest». Compreendi, já tarde, a minha indiscreção. Eu estava a ser um intruso. Os homens que sonham, gostam de sonhar só. Interromper um sonho é cometer um crime. O sonho na velha frase de Anatole é a verdadeira vida. Sent-me vexado, infantil, pequenino, ao pé dessa creança de dezoito anos, que ao falar da gloria da Inglaterra era quasi do tamanho da Inglaterra. Que fôra eu ali fazer? Ha homens que se não interrogam, que são admiraveis interrogações... Sir. Ernest Shackleton pertence a esse numero.

O HOMEM QUE PASSA



Lampada electrica que dá luz durante milhares de horas